

PÓ E RENO¹

POR FREDERICK ENGELS 1859

PARTE I

Desde o início deste ano, tornou-se o slogan de grande parte da imprensa alemã que *o Reno deve ser defendido no Pó*.

Esse slogan foi totalmente justificado diante dos preparativos e ameaças de guerra de Bonaparte. Sentia-se na Alemanha, de forma instintivamente correta, que, embora o Pó fosse o pretexto de Luís Napoleão, em qualquer circunstância o Reno não deixaria de ser seu objetivo final. Nada, exceto uma guerra pela fronteira com o Reno, poderia fornecer um para-raios contra os dois fatores dentro da França que ameaçavam o bonapartismo: o “patriotismo superabundante” das massas revolucionárias e o descontentamento fervoroso da “burguesia”. Envolveria o primeiro numa empresa nacional e daria ao segundo a perspectiva de um novo mercado. É por isso que a conversa sobre a libertação da Itália não pode ser mal interpretada na Alemanha. Foi o caso do velho provérbio: ele bate no saco e quer dizer burro. Se a Itália deveria fazer o papel do saco, a Alemanha não tinha o desejo, nesse caso, de agir como burro.

No caso presente, a manutenção do Pó significava apenas que a Alemanha, ameaçada por um ataque que envolvia, em última instância, a posse de algumas de suas melhores províncias, não poderia, de maneira alguma, sonhar em desistir de uma das suas mais fortes, na verdade, sua posição militar mais forte sem dar um golpe. Nesse sentido, toda a Alemanha estava realmente interessada na defesa do Pó. Na véspera de uma guerra, como na própria guerra, se ocupa todas as posições que podem ser usadas para ameaçar o inimigo e causar-lhe dano, sem se envolver em nenhuma especulação moral sobre se é consoante com a justiça eterna e o princípio da nacionalidade. Simplesmente lutamos pela vida.

No entanto, essa maneira de defender o Reno no Pó deve ser claramente distinta da tendência de muitos militares e políticos alemães de considerar o Pó, isto é, Lombardia e Veneza, como um complemento estratégico indispensável e, portanto, uma parte integrante da Alemanha. Essa visão foi apresentada e defendida teoricamente particularmente desde as campanhas na Itália em 1848 e 1849, por exemplo, pelo general *von Radowitz* na igreja de São Paulo e pelo general *von Willisen* em seu *Italienischer Feldzug des Jahres 1848*. No sul não austríaco da Alemanha, o tema foi tratado particularmente pelo general da Baviera *von Hailbronner*, com uma predileção próxima ao entusiasmo. O argumento principal é sempre político: a Itália é totalmente incapaz de permanecer independente; a Alemanha ou a França devem governar na Itália; se os austríacos saíssem da Itália hoje, os franceses estariam no vale do Adige e amanhã às portas de Trieste e toda a fronteira sul da Alemanha seria exposta ao “inimigo hereditário”. Portanto, a Áustria detém a Lombardia em nome e nos interesses da Alemanha.

Como vemos, para as autoridades militares essa opinião figura entre as principais na Alemanha. No entanto, devemos decididamente opor-nos a isso.

No entanto, essa opinião se tornou um artigo de fé defendido com verdadeiro fanatismo no Augsburg *Allgemeine Zeitung*, que se estabeleceu como monitor dos interesses alemães na Itália. Este jornal cristão-teutônico, apesar de todo o seu ódio por judeus e turcos, prefere se ver circuncidado do que ver a região “alemã” da Itália. Afinal, o que apenas defendem os generais políticos como uma

¹ Fonte: *Karl Marx/Friedrich Engels Collected Works*, Volume 16, p. 215 e ss.



posição militar esplêndida nas mãos da Alemanha é o Augsburg *Allgemeine Zeitung* um componente essencial de uma teoria política. Entendemos a “teoria da grande potência da Europa Central”, que transformaria a Áustria, a Prússia e o restante da Alemanha em um estado federal sob a influência predominante da Áustria, da Alemanha, da Hungria e dos países eslavos-romenos e das regiões danubianas por meio de colonização, escolas e suave violência, assim, muda centro de gravidade desse complexo de países cada vez mais para o sudeste, em direção a Viena, e alias reconquistar a Alsácia e a Lorena. A “grande potência da Europa Central” pretende ser uma espécie de renascimento do Sacro Império Romano da nação alemã e parece, entre outras coisas, visar a incorporação da outrora Holanda austríaca² e também a Holanda como estados vassalos. A pátria do alemão se estenderia cerca do dobro do que a língua alemã agora é ouvida; e quando tudo isso acontecesse, a Alemanha seria o árbitro e o mestre da Europa. Além disso, as condições para tudo isso acontecer já foram garantidas. Os povos românicos estão em um estado agudo de decadência: os espanhóis e italianos já estão totalmente arruinados e os franceses agora também estão experimentando sua desintegração. Por outro lado, os eslavos são incapazes de formar um estado moderno genuíno e têm a vocação histórica mundial de serem germanizados, caso em que uma Áustria rejuvenescida é mais uma vez o principal instrumento da Providência. Os teutões são, portanto, a única raça que ainda tem força moral e capacidade histórica, e, entre eles, os ingleses estão tão mergulhados no egoísmo e no materialismo insular que sua influência, comércio e indústria precisam ser mantidos afastados do continente europeu por poderosas tarifas protetoras, por uma espécie de sistema continental racional. Desse modo, a seriedade moral alemã e a grande potência juvenil da Europa Central dificilmente cairão para alcançar a supremacia mundial em terra e mar em pouco tempo e inaugurar uma nova era na história, na qual a Alemanha finalmente tocara violentamente novamente e a outras nações dançariam ao som da música.

A terra pertence aos russos e franceses.

Os ingleses são donos do mar.

Mas nós, no reino aéreo dos sonhos, temos domínio soberano.

[Hemrich Heine, *Deutschland. Ein Wintermarchen*]

Não sonharíamos em entrar aqui no aspecto político dessas fantasias patrióticas. Nós apenas os esboçamos no contexto para que todas essas coisas maravilhosas não possam, mais tarde, ser trazidas contra nós como novas provas da necessidade do domínio “alemão” na Itália. A única coisa que nos preocupa aqui é a questão militar: a Alemanha exige para sua defesa o domínio permanente sobre a Itália e, em particular, a posse militar total da Lombardia e Veneza?

Reduzida à sua expressão militar mais essencial, a pergunta é: para defender sua fronteira sul, a Alemanha exige a posse do Adige, Mincio e Baixo Pó, com as cabeças de ponte de Peschiera e Mântua?

Antes de nos comprometermos a responder a essa pergunta, afirmamos expressamente que, quando falamos da Alemanha, queremos dizer com isso uma única potência cujas forças e ações militares são dirigidas a partir de um único centro - a Alemanha como um corpo político real, não ideal. Em quaisquer outros pressupostos, não se pode questionar os requisitos políticos e militares da Alemanha.

² Sob o Tratado de Paz da Vestfália de 1648, que encerrou a Guerra dos Trinta Anos, a Alsácia e parte de Lorena, que até então pertenciam aos Habsburgos, foram transferidas para a França; Lorena como um todo foi anexada à França em 1766. O *Sacro Império Romano da Nação Alemã* (982-1806) incluiu, em diferentes épocas, terras alemãs, italianas, austríacas, húngaras e boêmias, Suíça e Holanda, formando um conglomerado heterogêneo de reinos feudais e cidades livres com diferentes estruturas políticas, normas e costumes legais. Os *Países Baixos austríacos* – o território da atual Bélgica e Luxemburgo, que pertencia aos Habsburgo austríacos de 1714 a 1797.

PARTE II

Por centenas de anos, a Alta Itália tem sido, ainda mais que a Bélgica, o campo de batalha em que alemães e franceses travaram suas guerras. Para o agressor, a posse da Bélgica e do vale do Pó é uma condição necessária para uma invasão alemã da França ou uma invasão francesa da Alemanha; é somente em virtude de tal posse que os flancos e a retaguarda da invasão estão totalmente seguros. A única exceção poderia ser uma neutralidade completamente confiável dessas duas regiões, e esse caso ainda não ocorreu.

Se o destino da França e da Alemanha foi decidido indiretamente nos campos de batalha do vale do Pó desde o dia de Pavia, o destino da Itália foi simultaneamente decidido diretamente lá. Com os enormes exércitos permanentes dos tempos modernos, com o crescente poder da França e da Alemanha e com a desintegração política da Itália, da velha Itália propriamente dita, a região ao sul do Rubicão, perdeu toda a importância militar e a posse da antiga Gália Cisalpina inevitavelmente trouxe consigo o domínio da península longa e estreita. Nas bacias do Pó e do Ádige, nas costas genovesa, romanesca e veneziana, havia a população mais densa e havia a agricultura mais florescente da Itália, sua indústria mais ativa e o seu comércio mais ativo. A península, Nápoles e os Estados papais, permaneceram relativamente estacionários em seu desenvolvimento social; seu poder militar já não contava há séculos. Quem quer que tenha mantido o vale do Pó cortou as comunicações terrestres da península com o resto do continente e poderia subjugar-lo facilmente se a ocasião surgisse, como fizeram duas vezes os franceses durante a guerra revolucionária e os austríacos também duas vezes neste século. Por conseguinte, apenas as bacias do Pó e do Ádige são de importância militar.

Enclausurada em três lados pela cadeia ininterrupta dos Alpes e Apeninos e na quarta, de Aquileia a Rimini, pelo Mar Adriático, essa bacia forma uma região claramente demarcada pela natureza, com o Pó fluindo de oeste para leste. A fronteira sul, ou apenina, não nos interessa aqui; o norte, ou alpino, é a fronteira que nos mais interessa. Sua cordilheira coberta de neve tem apenas algumas passagens por estradas pavimentadas; até o número de trilhas de carroças, caminhos de freios e trilhas é limitado; desfiladeiros longos e estreitos levam às passagens sobre os altos picos.

A fronteira alemã limita o norte da Itália desde a foz do Isonzo até Passo Stelvio; de lá para Genebra a fronteira é com a Suíça; de Genebra à foz do Var é com a França. Indo para o oeste do Adriático até o Passo Stelvio, cada passo mais fundo leva ao coração da bacia do Pó do que o anterior e, portanto, flanqueia qualquer posição de um exército italiano ou francês mais ao leste. A linha de fronteira do Isonzo é imediatamente flanqueada pela primeira passagem de Caporetto para Cividale; o Passo de Pontebba contorna a posição no Tagliamento, que também é flanqueado por duas estradas passadas não pavimentadas de Carinthia e Cadore. O Passo Brenner flanqueia a linha do Piave pelo Passo Peutelstein de Bruneck a Cortina d'Ampezzo e Belluno, a linha do Brenta pelo Val Sugana a Bassano, a linha do Adige pelo vale do Adige, Chiese pelo Giudicari, o Oglio por rotas não pavimentadas até Tonale e, finalmente a todo o território leste de Adda pelo Passo Stelvio e Valtelina.

Pode-se dizer que, com uma posição estratégica tão favorável, a posse real das planícies até o Pó não importaria muito para nós, alemães. Dadas a igualdade das forças, onde o exército inimigo poderia se posicionar a leste de Adda ou ao norte do Pó? Todas as suas posições seriam flanqueadas; mesmo que cruzasse o Pó ou o Adda, seu flanco seria ameaçado; se se mudasse para o sul do Pó, suas comunicações com Milão e Piemonte seriam ameaçadas; se fosse além do Ticino, colocaria em risco suas conexões com toda a península. Se fosse imprudente o suficiente para avançar em uma ofensiva na direção de Viena, poderia ser cortado a qualquer dia e forçado a batalhar com a

retaguarda em direção ao país inimigo e a frente voltada para a Itália. Se fosse derrotado, seria um segundo Marengo com os papéis invertidos; se vencer os alemães, o último teria que se comportar muito estupidamente para ser privado de sua retirada para o Tirol.

A construção da estrada sobre o Passo Stelvio é prova de que os austríacos aprenderam sua lição com a derrota em Marengo.

Napoleão construiu a estrada Simplon para ter uma rota protegida no coração da Itália; os austríacos complementaram seu sistema de defesa ofensiva na Lombardia pela estrada de Stelvio a Bormio. Pode-se dizer que esse passe é alto demais para ser praticável no inverno; que toda a rota é muito difícil, uma vez que passa sem alívio por um país inóspito de alta montanha por uma distância de pelo menos cinquenta milhas alemãs (de Füssen na Baviera a Lecco no lago Como), incluindo três passagens nas montanhas; finalmente, que pode ser facilmente bloqueado no longo desfiladeiro ao longo do lago Como e nas próprias montanhas. Vamos analisar isso.

Para ter certeza, o passo é o mais alto praticável em toda a cadeia dos Alpes, com 1.600 pés, e pode ser bastante nevado no inverno. Mas se recordarmos a campanha de inverno de 1800-01 de Macdonald no Splügen e Tonale, não daremos muito peso a esses obstáculos. Todos as passagens alpinas são nevados no inverno mas no entanto, são transitáveis. A produção de Armstrong de canhões rifles eficientes para carregamento de culatra tornou a reorganização de toda artilharia algo que dificilmente pode ser adiado; também introduzirá armas mais leves na artilharia de campanha, aumentando sua mobilidade. Um obstáculo mais sério é a longa marcha nas altas montanhas e a superação de um intervalo após o outro. O Passo Stelvio não atravessa a divisão entre os rios alpinos do norte e do sul, mas entre o Ádige e o Adda, dois rios que desembocam no Adriático, e, portanto, pressupõe que a principal faixa dos Alpes seja atravessada pelo Brenner ou pelo Passo Finstermünz, a fim de cruzar do vale do Inn para o do Adige. Como no Tirol, a estalagem flui praticamente de oeste para leste, entre duas cordilheiras, as tropas do Lago Constança e da Baviera também devem atravessar a parte norte dessas cordilheiras, para que haja um total de duas ou três passagens de montanha nessa rota sozinho. Por mais trabalhoso que possa ser, não é um obstáculo decisivo para liderar um exército para a Itália por esse caminho. Em breve, essa dificuldade será reduzida ao mínimo por uma ferrovia no vale do Inn, que já está parcialmente concluída, e uma linha projetada no vale do Adige. A rota de Napoleão sobre o Passo de São Bernardo, de Lausanne a Ivrea, não envolvia mais de 48 quilômetros através de montanhas altas; mas a rota de Udine a Viena, ao longo da qual Napoleão avançou em 1797 e ao longo da qual Eugène e Macdonald se juntaram a ele em Viena em 1809, atravessa montanhas altas por mais de 100 quilômetros e da mesma forma três passagens alpinas. O caminho de Pont-de-Beauvoisin, passando pelo Little St. Bernard, até Ivrea, a rota que sai diretamente da França. mais longe na Itália, sem tocar na Suíça, e é, portanto, o melhor para flanquear, também leva mais de 64 quilômetros por montanhas altas, assim como a rota Simplon de Lausana a Sesto Calende.

Por fim, quanto ao bloqueio da estrada no próprio desfiladeiro ou no lago Como, depois das campanhas dos franceses nos Alpes, não se inclina mais a depender da eficácia dos bloqueios de estradas. As alturas de comando e a possibilidade de flanquear as tornam bastante fúteis; os franceses invadiram muitos deles e nunca foram seriamente sustentados pelas fortificações nos passes. Quaisquer fortificações dos passos no lado italiano podem ser flanqueadas por Cevadale, Monte Corno e Gavia e Tonale e Aprica. Desde Valtellina, existem muitos caminhos para a região de Bergamo, e os obstáculos no longo desfiladeiro do lago Como podem ser contornados por esses caminhos ou de Dervio ou de Bellano até Val Sassina. Em guerras nas montanhas, é aconselhável avançar em várias colunas e, se uma delas passar, o objetivo geralmente é atingido.

Até os lances mais difíceis são praticáveis em qualquer época do ano, desde que boas tropas e generais resolutos sejam empregados; como até mesmo pequenos avanços auxiliares não operados por veículos podem ser usados como boas linhas operacionais, especialmente para fins de flanqueamento; e quão poucos obstáculos podem ser feitos para impedir o avanço - tudo isso é

melhor demonstrado pelas campanhas nos Alpes de 1796 a 1801. Naquela época, nem uma única passagem alpina havia sido pavimentada, e, no entanto, exércitos atravessavam as montanhas em todas as direções. Em 1799, no início de março, Loison, com uma brigada francesa, atravessou a divisão entre o Reuss e o Reno por trilhas, enquanto Lecourbe atravessou o Bernardino e o Viamala, depois cruzou os Passes Albula e Julier (7.100 pés de altura) e em 24 de março tomou o império Martinsbruck por um movimento de flanco, enviando Dessolle através do vale de Milnster sobre Pisoc e o Worms Pass (uma trilha de 7.850 pés de altura) para o vale do Alto Adige e daí para o Reschen-Scheideck. No início de maio, Lecourbe recuou novamente sobre o Albula.

A campanha de Suvorov ocorreu em setembro do mesmo ano; durante o mesmo, como o velho soldado expressou em sua vigorosa linguagem figurativa, a baioneta russa *abriu* caminho pelos Alpes (*Ruskij sztyk prognal czrez Alpow*). Ele enviou a maior parte de sua artilharia sobre o Splügen, fez uma coluna de flanco atravessar Val Blegno sobre o Lukmanier (trilha de 5.948 pés) e depois sobre o Sixmadun (cerca de 6.500 pés) para o vale do Alto Reuss, enquanto ele próprio passou pelo St. Gotthard, que na época dificilmente era aceitável para veículos (6.594 pés). Ele tomou a barreira de Teufelsbrücke pela tempestade nos dias 24 e 26 de setembro; mas quando chegou a Altdorf, com o lago à sua frente e os franceses de todos os outros lados, não havia mais nada a fazer senão subir o vale Schächen sobre o Kinzig-Kulm e chegar ao vale do Muota. Chegando lá, depois de deixar toda a sua artilharia e bagagem no vale Reuss, encontrou novamente os franceses diante de si em força superior, enquanto Lecourbe estava em seus calcanhares. Suvorov atravessou a passagem de Pragel até o vale do Klön para por essa rota para alcançar a planície do Reno. Ele encontrou uma resistência insuperável no desfiladeiro de Näfels, e a única coisa que lhe restava era atravessar a trilha Panix Pass, com 8.000 pés de altura, para alcançar o vale superior do Reno e a ligação com o Splügen. A passagem começou em 6 de outubro e em 10 de outubro a sede foi em Ilanz. Esta passagem foi a mais impressionante de todas as travessias alpinas nos tempos modernos.

Não falaremos muito sobre a travessia de Napoleão do Grande São Bernardo. Não se trata de outras operações similares daquele período. A estação foi favorável e a única coisa digna de nota foi a maneira hábil em que o ponto forte do Forte Bard foi flanqueado.

Por outro lado, as operações de Macdonald no inverno de 1800-01 foram notáveis. Com a missão de levar 15.000 homens como ala esquerda do exército francês da Itália para flanquear a ala direita austríaca no Mincio e no Adige, ele atravessou o Splügen (6.510 pés) *nas profundezas do inverno com todos os tipos de armas*. Com a maior dificuldade, muitas vezes interrompida por avalanches e tempestades de neve, ele liderou seu exército na passagem entre 1 e 7 de dezembro e marchou ao longo do Adda, passando pelo Valtellina, até o Aprica. Nem os austríacos ficaram assustados com o inverno nas altas montanhas. Eles seguravam o Albula, o Julier e o Braulio e, por último, até fizeram um ataque surpresa no qual capturaram um destacamento de hussardos franceses desmontados. Depois que Macdonald superou o Passo Aprica do vale Adda para o vale do Oglio, ele escalou por trilhas o Passo Tonale e, em 22 de dezembro, atacou os austríacos, que haviam obstruído o desfiladeiro com blocos de gelo. Jogado de volta naquele dia, bem como no segundo ataque (31 de dezembro - assim ele permaneceu nas montanhas altas por nove dias!), desceu o Val Camonica ao lago d'Iseo, enviou sua cavalaria e artilharia através da planície e com a infantaria subiu as três cordilheiras que levavam a Val Trompia, Val Sabbia e Giudicaria, onde chegou a Storo já em 6 de janeiro. Enquanto isso, Baraguay d'Hilliers havia atravessado a Reschen-Scheideck (Passo Finstermiinz), do vale da estalagem até o vale do Alto Adige. Se tais manobras eram possíveis há sessenta anos, o que não podemos fazer hoje, quando temos excelentes estradas pavimentadas na maioria das passagens! Hilliers tinha atravessado o Reschen-Scheideck (Finstermiinz Pass) do vale da estalagem para o vale do Alto Adige. - Se tais manobras eram possíveis há sessenta anos, o que não podemos fazer hoje, quando temos excelentes estradas pavimentadas na maioria das passagens!

Mesmo a partir desses esboços, podemos ver que os únicos obstáculos que tinham algum tipo de capacidade de resistir eram os que não eram flanqueados, seja por falta de habilidade ou falta de tempo. Por exemplo, o Tonale era insustentável quando Baraguay d'Hilliers apareceu no vale do Alto Adige. As outras campanhas mostram que foram capturadas por uma operação de flanqueamento ou, freqüentemente, por tempestades. Luziensteig foi invadida duas ou três vezes, e também Malborghetto no Passo de Pontebba em 1797 e 1809. Os pontos fortes do Tirol não pararam Joubert em 1797 ou Ney em 1805. Sabe-se, como Napoleão afirmou, que o flanqueamento pode ser realizado em caminhos que uma cabra pode negociar. E desde que as pessoas travaram uma guerra nessa base, todo e qualquer ponto forte pode ser contornado.

Conseqüentemente, não podemos ver como, dada a igualdade de forças, um exército hostil pode defender a Lombardia a leste de Adda em campo aberto contra um exército alemão avançando sobre os Alpes. Sua única chance seria assumir uma posição entre as fortificações existentes ou recém-erguidas e manobrar entre elas. Esta possibilidade será examinada mais tarde.

Que passos estão agora abertos à França para penetrar na Itália? Enquanto a Alemanha circunda metade da fronteira norte da Itália, a fronteira francesa segue quase uma linha reta de norte a sul, não envolve nada e não flanqueia nada. Só depois de tomar Savoy e uma parte da costa genovesa é possível preparar movimentos de flanco através do Little St. Bernard e de algumas passagens nos Alpes Marítimos, e mesmo assim o efeito se estenderá apenas ao Sesia e ao Bormida e não alcançar a Lombardia e os ducados, sem falar na península. Apenas uma parada em Gênova, que teria dificuldades para um grande exército, poderia provocar um flanco de todo o Piemonte; um pouso mais a leste, por exemplo, em La Spezia, não podia mais ser baseado no Piemonte e na França, mas apenas na península e, seria, portanto, flanqueado tanto quanto a si mesmo.

Até agora, assumimos que a Suíça seria neutra. No caso de entrar na guerra, a França teria mais uma passagem disponível, o Simplon (o Grande São Bernardo, que leva a Aosta como o Pequeno São Bernardo, não traria novas vantagens além da linha mais curta). O Simplon leva ao Ticino e, portanto, cobre o Piemonte para os franceses. Do mesmo modo, os alemães obteriam o relativamente pequeno, Splilgen, que encontra a estrada Stelvio, no lago Como, e o Bernardino, cujo efeito se estende até o Ticino. O St. Gotthard poderia servir a ambos os lados, dependendo das circunstâncias, mas os tumultos lhes dariam muitas novas oportunidades para operações de flanco. Assim, vemos que o efeito de uma manobra de flanco francês sobre os Alpes, por um lado, e de uma manobra de flanco alemão, por outro lado, estende-se até a atual fronteira entre Lombardia e Piemonte, o Ticino. Mas se os alemães estão no Ticino, mesmo que estejam apenas em Placência e Cremona, eles impedem os franceses da rota terrestre para a península italiana. Em outras palavras, se a França domina o Piemonte, a Alemanha domina todo o resto da Itália.

Além disso, os alemães têm uma vantagem tática. Ao longo de toda a fronteira alemã, a bacia hidrográfica está do lado alemão em todas as passagens importantes, com exceção do Stelvio. O Fella no Passo de Pontebba ergue-se na Caríntia e o Boite no passo de Peutelstein no Tirol. No Tirol, essa vantagem é decisiva. O vale do Alto Brenta (Val Sugana), o vale do Alto Chiese (Giudicaria) e mais da metade do curso do Adige pertencem ao Tirol. Embora, em qualquer caso particular, não se possa saber, sem um estudo minucioso da localidade, se a posse da bacia hidrográfica nas passagens nas montanhas oferece uma vantagem tática real, isso é certo, de modo geral, que a parte que ocupa a cordilheira e parte da encosta em direção ao inimigo terá mais chances de flanquear o outro lado e dominar o inimigo de cima. Além disso, esse partido estará em posição de negociar os trechos mais difíceis dos passes auxiliares para todas as armas, mesmo antes do início da guerra; isso pode ser de importância decisiva para as comunicações no Tirol. Se essa projeção de nosso território no lado inimigo tem a extensão que a zona da Confederação Alemã tem no Tirol do Sul; se, como aqui, os dois passes principais, o Brenner e o Finstermünz, estão longe da fronteira inimiga; se, além disso, passes auxiliares decisivos, como os da Giudicaria e do Val Sugana, estão inteiramente dentro do território

alemão, as condições táticas para uma invasão da Alta Itália são facilitadas tão enormemente que, em caso de guerra, eles só precisam ser criteriosamente empregado para garantir a vitória.

Enquanto a Suíça permanecer neutra, o Tirol é a rota mais direta para um exército alemão que opera contra a Itália; se a Suíça não é mais neutra, o Tirol e os Grisões (os vales Inn e Rhine) são os mais diretos. Foi nessa linha que os Hohenstaufens se moveram contra a Itália; não há outro caminho pelo qual uma Alemanha agindo militarmente como um único Estado possa operar decisivamente com golpes rápidos na Itália. Para esta linha, no entanto, não a Áustria Central, mas a Alta Suábia e a Baviera, do Lago Constança a Salzburgo, é a base operacional. Isso foi verdade durante a Idade Média. Somente quando a Áustria se consolidou no Médio Danúbio, quando Viena se tornou o ponto central da monarquia, quando o Império Alemão se desfez e apenas as guerras austríacas, e não as alemãs foram travadas na Itália, a velha, curta, linha reta de Innsbruck a Verona e de Lindau a Milão abandonada; só então foi substituída pela longa e tortuosa linha de Viena, passando por Klagenfurt e Treviso, até Vicenza, uma linha na qual um exército alemão anteriormente teria contado apenas na extrema emergência de um recuo ameaçado, mas nunca para uma ofensiva.

Enquanto o Império Alemão existisse como uma potência militar real e, portanto, baseasse seus ataques contra a Itália na Alta Suábia e na Baviera, ele poderia se esforçar para conquistar a Alta Itália por motivos políticos, nunca puramente militares. Nas longas lutas pela Itália, a Lombardia, foi em vários momentos alemã, independente, espanhola ou austríaca; mas não se deve esquecer que a Lombardia era separada de Veneza e Veneza era independente. E, embora a Lombardia tenha mantido Mântua, ela não incluía a linha Mincio e a região entre Mincio e Isonzo, sem a posse da qual, como sabemos, a Alemanha não pode dormir em paz. A Alemanha (através do intermediário da Áustria) só possuía a linha Mincio desde 1814. E embora a Alemanha, como órgão político, não tenha desempenhado o papel mais brilhante dos séculos XVII e XVIII,

De qualquer forma, o arredondamento estratégico dos Estados e sua provisão de fronteiras defensáveis estão mais à frente desde a Revolução Francesa e Napoleão, que criaram exércitos com maior mobilidade e atravessaram a Europa com esses exércitos em todas as direções. Enquanto durante a Guerra dos Sete Anos o campo de operações de um exército estava confinado a uma única província, e as manobras duravam meses em torno de fortalezas, posições ou bases operacionais individuais, em qualquer guerra hoje em dia a configuração do terreno de todo está envolvida, e a importância anteriormente atribuída a posições táticas individuais agora é dada apenas a grandes grupos de fortalezas, longas linhas fluviais ou altas cadeias montanhosas proeminentes. Neste contexto, linhas como Mincio e Adige são certamente muito mais importantes do que no passado.

Vamos, portanto, examinar essas linhas.

Todos os rios lançados do Simplon que fluem dos Alpes para o Pó na planície do Alto Italiano ou diretamente para o Adriático fazem um arco côncavo com o Pó, ou sozinhos para o leste. Eles são, portanto, mais favoráveis à defesa por um exército ao leste do que por um a oeste. Se olharmos para o Ticino, o Adda, o Oglio, o Chiese, o Mincio, o Adige, o Brenta, o Piave ou o Tagliamento, cada um desses rios, sozinho ou com a porção adjacente do Pó, forma um arco cujo centro é a leste. Isso permite que um exército na margem esquerda (leste) assumira uma posição central a partir da qual pode alcançar qualquer ponto seriamente ameaçado no rio em um tempo relativamente curto; ele segura a “linha interna” de Jomini e marcha sobre o raio ou a corda, enquanto o inimigo precisa manobrar na periferia, que é mais longa. Se o exército na margem direita está na defensiva, por outro lado, essa situação é desfavorável para ele; o inimigo é apoiado em seus ataques simulados pelo terreno, e as distâncias mais curtas dos vários pontos da periferia que o favorecem na defesa acrescentam um peso decisivo ao seu ataque. Conseqüentemente, as linhas dos rios Lombard e Veneziano são favoráveis em todos os aspectos a um exército alemão, seja por defesa ou ofensa, e desfavoráveis a um exército italiano ou italo-francês; e se adicionarmos a circunstância discutida acima, de que o tirolês ultrapassa todas essas linhas, não há realmente motivo para se preocupar com

a segurança da Alemanha, mesmo que não houvesse um único soldado austríaco em solo italiano; pois o solo da Lombardia é nosso sempre que queremos.

Além disso, essas linhas do rio Lombard são, na maioria das vezes, bastante insignificantes e inadequadas para defesa séria. Além do próprio Pó, que será discutido abaixo, existem apenas duas posições em toda a bacia que são realmente importantes para a França ou a Alemanha; as equipes gerais relevantes perceberam a força dessas zonas e as fortificaram e, sem dúvida, desempenharão um papel decisivo na próxima guerra. No Piemonte, uma milha abaixo de Casale, o Pó, que tem um percurso leste até aquele ponto, vira para o sul, corre para o sul-sudeste por uns bons três quilômetros e depois dobra novamente para o leste. Na curva norte, a Sesia flui do norte; na curva sul, o Pó é acompanhado pelo Tanaro, vindo do sudoeste. O Tanaro é acompanhado, pouco antes de sua confluência, perto de Alexandria, pelos Bormida, Orba e Belbo, formar um sistema de linhas radiais de rios convergindo em um ponto central; este importante cruzamento é coberto pelo acampamento fortificado de Alexandria. A partir de Alexandria, como base, um exército pode pegar uma margem dos rios menores, defender a linha do Pó à sua frente ou atravessar o Pó em Casale (também uma fortaleza) ou operar a jusante ao longo da margem direita do rio Pó. Essa posição, reforçada por fortificações suficientes, é a única que cobre o Piemonte ou pode servir de base para operações ofensivas contra a Lombardia e os ducados. Ele tem a desvantagem de que não possui profundidade, uma circunstância altamente desfavorável, pois pode ser flanqueada ou rompida frontalmente; um ataque forte e hábil o reduziria em breve ao campo fortificado ainda incompleto de Alexandria, e não temos base para julgar em que medida esse campo poderia proteger os defensores de terem que lutar em condições desfavoráveis, uma vez que nem a natureza das últimas fortificações ali nem a extensão em que foram concluídas são conhecidas. Napoleão já percebeu a importância dessa posição para a defesa do Piemonte contra-ataques do leste, e tinha reforçado a Alessandria. Em 1814, a posição não manteve seu poder protetor; até que ponto isso pode ser feito hoje pode ser evidente para nós em breve.

A segunda posição, que protege a região veneziana contra-ataques do oeste, tanto quanto ou mais que Alessandria, no Piemonte, é a de Mincio e Adige. O Mincio, depois de deixar o lago Garda, flui para o sul por seis quilômetros até Mântua. Lá, torna-se uma espécie de lagoa cercada por pântanos e depois flui para o sudeste, até o Pó. O trecho do rio abaixo dos pântanos de Mântua para a confluência é muito curto para ser usado como uma travessia por um exército, já que o inimigo poderia levá-los pela retaguarda por uma surtida de Mântua e obrigá-los a lutar nas condições mais desfavoráveis. Um movimento de flanco do sul teria que ir além, e atravessar o Pó em Revere ou Ferrara. No norte, a posição no Mincio é amplamente protegida pelo lago de Garda contra o flanco, de modo que o comprimento real da linha de Mincio que precisa ser defendido, de Peschiera a Mântua, tem apenas seis quilômetros de extensão, com uma fortaleza em cada extremidade, garantindo uma saída na margem direita do rio. O Mincio em si não é um grande obstáculo, e um banco ou outro é mais alto, dependendo da localidade. Isso desacreditou a linha mais ou menos antes de 1848 e dificilmente se tornaria muito famosa se não fosse significativamente fortalecida por uma circunstância especial. Essa circunstância é que seis quilômetros mais atrás, o Adige, o segundo maior rio da Alta Itália, flui em um arco aproximadamente paralelo aos cursos do Mincio e do Baixo Pó e, assim, forma uma segunda posição mais forte, reforçada pelos dois Fortalezas Adige de Verona e Legnago. As duas linhas do rio, com suas quatro fortalezas, constituem uma posição defensiva tão forte para um exército alemão ou austríaco atacado pela Itália ou pela França que nenhum outro complexo na Europa possa ser comparado a ele; um exército que ainda pode entrar em campo depois de deixar guarnições nos pontos fortes poderá facilmente suportar uma força duas vezes mais forte, se for baseado nessa posição. Radetzky mostrou em 1848, o que poderia ser retirado da posição. Após a revolução de março em Milão, a deserção dos regimentos italianos e a travessia do Ticino pelos piemonteses, retirou-se para Verona com o resto de suas tropas, cerca de 45.000 homens. Depois de deixar guarnições de 15.000 homens, ele tinha um pouco mais de 30.000 homens disponíveis. Contra ele, entre o Mincio e o

Adige, havia cerca de 60.000 piemonteses, toscanos, modenese e parmesãos. Na retaguarda, apareceu o exército de Durando, cerca de 45.000 soldados e voluntários papais e napolitanos.³ A única linha de comunicação que ele havia deixado era através do Tirol, e até isso foi ameaçado, embora apenas levemente, por irregularidades lombardas nas montanhas. No entanto, Radetzky continuou firme. Manter Peschiera e Mântua sob controle atraiu tantas tropas dos piemonteses que, quando atacaram a posição de Verona (batalha de Santa Lúcia) em 6 de maio, podiam colocar apenas quatro divisões, de 40.000 a 45.000 homens, em campo. Radetzky poderia utilizar 36.000 homens, incluindo a guarnição de Verona. Considerando a posição defensiva taticamente forte dos austríacos, o equilíbrio já estava estabelecido no campo de batalha e os piemonteses foram derrotados. A contrarrevolução em Nápoles, em 15 de maio, libertou Radetzky da presença de 15.000 napolitanos⁴ e reduzir o exército do continente veneziano para cerca de 30.000; destes, apenas 5.000 suíços papais e aproximadamente o mesmo número de tropas italianas papais da linha poderiam ser usados em campo aberto, sendo o restante irregular. O exército de reserva de Nugent, formado em abril em Isonzo, invadiu facilmente essas tropas e juntou-se a Radetzky, perto de Verona, em 25 de maio, quase 20.000 soldados. Agora, finalmente, o velho marechal de campo poderia ir além da defesa passiva. A fim de aliviar Peschiera, que os piemonteses estavam sitiando, e para se dar mais liberdade de ação, ele fez a célebre marcha de flanco a Mântua com todo o seu exército (27 de maio), e a partir daqui foi debochada na margem direita do Mincio em o dia 29, invadiu a linha inimiga no Curtatone e seguiu em direção a Goito no dia 30, na retaguarda e no flanco dos italianos. Mas Peschiera caiu no mesmo dia; o tempo ficou desfavorável e Radetzky ainda não se sentia suficientemente forte para uma batalha decisiva. Assim, em 4 de junho, ele voltou a Mântua de volta ao Adige, enviou o corpo de reserva para Verona e, com o restante de suas tropas, viajou por Legnago contra Vicenza, que Durando havia fortalecido e ocupado com 17.000 homens. No dia 10, ele atacou Vicenza com 30.000 homens; no dia 11, Durando capitulou, após forte resistência. O Segundo Corpo de Exército (d'Aspre) conquistou Pádua, o vale do Alto Brenta e o continente veneziano em geral e depois seguiu o Primeiro Corpo para Verona; um segundo exército de reserva sob Welden surgiu do Isonzo. Durante esse período e até o final da campanha, os piemonteses, com obstinação supersticiosa, concentraram toda a atenção no platô de Rivoli, que, desde a vitória de Napoleão, eles parecem ter considerado a chave da Itália, mas que havia perdido sua importância em 1848, uma vez que os austríacos haviam restaurado a comunicação segura com o Tirol através de Vallarsa e, em particular, restabelecido a conexão direta com Viena através do Isonzo. Ao mesmo tempo, algo tinha que ser feito contra Mântua, e assim um bloco foi montado na margem direita do Mincio - uma operação que não poderia ter outro propósito senão documentar a perplexidade que prevalecia no campo piemontês para dispersar o exército durante todo o trecho de 13 quilômetros de Rivoli a Borgoforte e na barganha para dividi-lo em duas metades pelo Mincio, metades que não podiam se apoiar.

Quando também foi feita a tentativa de bloquear Mântua na margem esquerda, Radetzky, que havia conseguido 12.000 soldados de Welden nesse meio tempo, decidiu romper os piemonteses em seu centro enfraquecido e derrotar as forças reunidas separadamente. Em 22 de julho, ele ordenou que Rivoli fosse atacado, e os piemonteses o evacuaram no dia 23; no dia 23, ele próprio partiu de Verona com 40.000 homens contra a posição de Sona e Sommacampagna, que foi defendida por apenas 14.000 piemonteses, a pegou e, assim, quebrou toda a frente inimiga. A ala esquerda piemontesa foi completamente recuada sobre o Mincio no dia 24, e a ala direita, que havia se reformado nesse meio tempo e avançava contra os austríacos, foi derrotada em Custoza no dia 25; no dia 26, todo o exército austríaco atravessou o Mincio e derrotou os piemonteses mais uma vez em Volta. Isso encerrou a campanha; os piemonteses se retiraram para trás do Ticino quase sem resistência.

³ Em março de 1848, sob pressão das massas que haviam se levantado por toda a Itália contra o domínio austríaco, o papa Pius IX e Fernando II de Nápoles foram obrigados a enviar tropas para o norte da Itália para combater os austríacos. Mas a participação dessas forças na luta de libertação foi breve, pois logo Pio IX e Fernando II abertamente passaram para os inimigos da revolução italiana.

⁴ Em 15 de maio de 1848, o rei Fernando II de Nápoles reprimiu brutalmente uma revolta popular em Nápoles e realizou um golpe de estado. Ele chamou de volta Nápoles o corpo napolitano que estava na Lombardia para ajudar o exército revolucionário, facilitando assim a posição de Radetzky no norte da Itália.

Este breve relato da campanha de 1848 é uma prova melhor do que qualquer raciocínio teórico frio poderia dar sobre a força da posição no Mincio e no Adige. Uma vez que os piemonteses entraram no quadrilátero entre as quatro fortalezas, eles tiveram que separar tantas tropas que seu poder ofensivo foi quebrado, como mostra a batalha de Santa Lúcia, enquanto Radetzky, assim que chegaram seus primeiros reforços, podia se mover entre os fortalezas com total liberdade, baseiam-se agora em Mântua e depois em Verona, hoje ameaçam a retaguarda do inimigo na margem direita do Mincio e, alguns dias depois, capturam Vicenza e mantêm constantemente a iniciativa na campanha. Os piemonteses cometeram erro após erro, é verdade; mas é precisamente a força de uma posição que coloca o inimigo em um dilema e quase o obriga a cometer erros. Manter as fortalezas individuais sob controle, sem falar em cercá-las, o obriga a dividir suas forças e enfraquecer sua força ofensiva disponível; os rios o obrigam a repetir a divisão e tornam mais ou menos impossível que seus vários corpos venham em auxílio um do outro. Que forças seriam necessárias para cercar Mântua, desde que um exército pronto para a ação em campo pudesse sair dos fortes destacados de Verona a qualquer momento?

Somente Mântua foi capaz de sustentar o exército vitorioso do general Bonaparte em 1797. Somente duas vezes uma fortaleza o impediu: Mântua e, dez anos depois, Danzig. Em toda a segunda parte da campanha de [1796 e] 1797: Castiglione, Medole, Calliano, Bassano, Arcole, Rivoli⁵ tudo gira em torno de Mântua, e somente após a queda da fortaleza é que os vencedores se aventuram a avançar para o leste e sobre o Isonzo. Naquela época, Verona não era fortificada; em 1848, apenas o círculo de muros foi completado na margem direita do Adige, em Verona, e a batalha de Santa Lúcia foi travada em terreno, onde redutos austríacos foram erguidos imediatamente depois, e fortes destacados permanentes posteriormente; somente como resultado disso o campo fortificado de Verona se tornou o núcleo, a cidadela de toda a posição, que assim ganhou enormemente em força.

Veremos que não temos a intenção de contestar a importância da linha Mincio. Mas não esqueçamos: essa linha só se tornou importante quando a Áustria começou a travar guerra na Itália por conta própria e a linha de comunicação Bolzano-Innsbruck-Munique foi empurrada para segundo plano pela linha Treviso-Klagenfurt-Viena. E para a Áustria, como atualmente constituída, a posse da linha Mincio é de fato uma questão de vida ou morte. A Áustria como um estado independente, que deseja operar como uma grande potência europeia independente também da Alemanha, deve controlar o Mincio e o Baixo Pó ou abandonar a defesa do Tirol; caso contrário, o Tirol seria flanqueado por ambos os lados e ligado ao resto do Império apenas pela Passagem Toblach (a estrada de Salzburgo para Innsbruck passa pela Baviera). Agora, os militares idosos consideram que o Tirol tem grandes capacidades defensivas e controla as bacias do Danúbio e do Pó. Mas essa opinião se baseia inteiramente na fantasia e nunca foi confirmada pela experiência, por uma guerra insurrecional, como em 1809,⁶ não prova nada para as operações de um exército regular.

A fonte dessa opinião é Bülow, ele a expressa, entre outros lugares, em sua história dos Hohenlinden⁷ e campanhas do Marengo. Uma cópia da tradução francesa deste livro, pertencente a Emmett, um oficial de engenharia inglês designado para Santa Helena enquanto Napoleão estava lá prisioneiro, chegou às mãos do general exilado em 1819. Ele fez muitas anotações marginais nele e Emmett reimprimiu o livro em 1831 com as anotações de Napoleão. Napoleão obviamente começou a ler o livro em um estado de espírito favorável. Na proposta de Bülow de dividir toda a infantaria

⁵ Engels enumera as batalhas entre os exércitos francês e austríaco durante o cerco de Mântua pelos franceses na campanha italiana de Napoleão em 1796-97. Na *batalha de Medole*, os austríacos foram derrotados; na primeira *batalha em Calliano*, em 4 de setembro de 1796, os franceses foram vitoriosos, mas na segunda, de 6 a 7 de novembro, foram expulsos pelos austríacos; em Bassano, em 8 de setembro de 1796, os franceses foram vitoriosos, mas a batalha de 6 de novembro foi imprecisa.

⁶ A referência é à luta de libertação nacional contra o jugo de Napoleão travado pelos camponeses tirolezes sob Andreas Hofer em 1809. Nesta guerra insurrecional, os tirolezes usavam amplamente métodos de guerrilha para combater nas montanhas. Em outubro de 1809, o governo austríaco assinou a paz com a França napoleônica, em consequência da qual os camponeses tirolezes, sem apoio do exército regular austríaco, foram derrotados pelos franceses e italianos em 1810.

⁷ Na batalha de Hohenlinden, que ocorreu em 3 de dezembro de 1800, durante a guerra de azulejos entre a França e a segunda coalizão européia, o exército francês sob Moreau derrotou o exército austríaco do arquiduque John.

em escaramuçadores, ele observa com benevolência: “Ordem, sempre ordem - os escaramuçadores devem sempre ser apoiados por tropas da linha”. Depois, temos algumas vezes: “Bom - isso é bom” e novamente: “Bom!” Mas, a partir da vigésima página, é demais para Napoleão quando ele vê o infeliz Bulow mexendo com a cabeça, com rara futilidade e falta de jeito, para explicar todas as vicissitudes da guerra por meio de sua teoria de retiradas excêntricas e ataques concêntricos, e roubar os movimentos mais magistrais de seu significado pela interpretação dos alunos. Primeiro alguns: “Mau - isso é mau - mau princípio”, e depois “Isso não é verdade - absurdo - plano ruim, muito perigoso - mantenha-se unido se você quiser vencer - nunca se deve separar o exército por um rio - tudo isso é um absurdo”, etc. E quando Napoleão descobre que Bülow continua elogiando as más operações e condenando as boas, ele atribui os motivos mais bobos aos generais e lhes dá os conselhos mais cômicos, e finalmente quer acabar com as baionetas e armar a segunda linha da infantaria com lanças, ele grita: “Conversa ininteligível, que conversa absurda, que absurdo, que conversa miserável, que ignorância da guerra”.

Bülow aqui reprova o exército austríaco do Danúbio sob Kray por ter ido a Ulm em vez de ao Tirol. O Tirol, disse ele, esse bastião inexpugnável de rochas e montanhas, domina a Baviera e uma parte da Lombardia se for ocupado por tropas suficientes (Napoleão: “Não se ataca montanhas, nem o Tirol nem a Suíça, mantém-se sob observação. e os rodeia pelas planícies”). Então Bülow censura Moreau por se deixar levar por Kray em Ulm, em vez de deixá-lo lá e conquistar o Tirol, que era fracamente mantido: a conquista do Tirol derrubaria a monarquia austríaca (Napoleão: Absurdo, mesmo quando o Tirol tinha aberto, não era necessário entrar”).

Depois de terminar de ler o livro, Napoleão caracterizou o sistema de retiradas excêntricas e ataques concêntricos e o controle das planícies pelas montanhas nas seguintes palavras: “Se você quiser aprender a derrotar um exército mais forte por um exército mais fraco, estude máximas do escritor; você terá ideias sobre a ciência da guerra, ele prescreve o oposto do que deve ser ensinado”.

Napoleão repetiu três ou quatro vezes, o aviso: “Os países das montanhas nunca devem ser atacados”. Esse medo das montanhas data obviamente de seus últimos anos, quando seus exércitos atingiram tamanho tão colossal e foram amarrados às planícies por razões de suprimento e desenvolvimento tático. Espanha⁸ e o Tirol, também pode ter contribuído para isso. Anteriormente, ele não tinha tanto medo das montanhas. A primeira metade de sua campanha de 1796 foi toda travada nas montanhas e, nos anos seguintes, Masséna e Macdonald provaram adequadamente que mesmo na guerra nas montanhas - e precisamente mais do que em qualquer outro lugar - grandes coisas podem ser realizadas com pequenas forças. Mas, em geral, é claro que nossos exércitos modernos podem desenvolver seu poder melhor em terrenos mistos de planícies e contrafortes, e que uma teoria é falsa que prescreve lançar um grande exército em regiões de alta montanha - não em trânsito, mas em posições permanentes. lá - desde que haja planícies livres como as da Baviera e Lombardia de ambos os lados, nas quais a guerra possa ser decidida. Quanto tempo pode um exército de 150, 000 homens serem alimentados no Tirol? Em quanto tempo a fome os levaria à planície, onde nesse meio tempo o inimigo teria tempo para cavar e onde eles poderiam ser forçados a lutar sob as circunstâncias mais desfavoráveis? E onde, nos vales estreitos, eles poderiam encontrar uma posição em que pudessem desenvolver toda a sua força?

Uma vez que a Áustria não controlasse mais o Mincio e o Adige, o Tirol seria uma posição perdida, que teria que desistir assim que fosse atacado pelo norte ou pelo sul. Para a Alemanha, o Tirol flanqueia a Lombardia até o Adda por meio de seus passes; para uma Áustria agindo separadamente, a Lombardia e Vênetia até o Brenta ultrapassam o Tirol. O Tirol só é viável para a Áustria quando é blindado pela Baviera no norte e posse da linha Mincio no sul. O estabelecimento da Confederação

⁸ A referência é à luta de libertação nacional do povo espanhol contra os invasores franceses entre 1808 e 1814, durante a qual os espanhóis fizeram amplo uso dos métodos de guerrilha de combate nas montanhas.

do Reno⁹ tornou impossível para a Áustria, por si só, fazer uma defesa séria do Tirol e de Venetia, e, portanto, foi bastante consistente para Napoleão destacar as duas províncias da Áustria no Tratado de Pressburg.¹⁰

Para a Áustria, portanto, a posse da linha Mincio com Peschiera e Mântua é uma necessidade absoluta. Para a Alemanha como um todo, sua posse não é de todo necessária, embora ainda seja uma grande vantagem militar. Essa vantagem é óbvia: simplesmente que nos garante, com antecedência, uma posição forte na planície da Lombardia, que não devemos conquistar primeiro, e que complementa nossa posição defensiva confortavelmente enquanto apoia significativamente nossa ofensiva poder.

Mas e se a Alemanha não mantiver a linha Mincio?

Vamos supor que toda a Itália seja independente, unificada e aliada à França para uma guerra ofensiva contra a Alemanha. Resulta de tudo o que dissemos até agora que, nesse caso, a linha operacional e de retirada dos alemães não seria Viena-Klagenfurt-Treviso, mas Munique-Innsbruck-Bolzano e Munique-Füssen-Finstermünz-Glorenza, e isso desemboca na planície da Lombardia que fica entre o Val Sugana e a fronteira com a Suíça. Onde então está o ponto decisivo do ataque? Obviamente, aquela parte do alto da Itália que permite a comunicação da península com o Piemonte e a França, o Pó Médio da Alexandria até Cremona. Mas as passagens entre o lago Garda e o lago Como são suficientes para fornecer aos alemães acesso a essa região e manter um caminho de retirada na mesma rota ou, se o pior acontecer, sobre o passo Stelvio. Nesse caso, as fortalezas do Mincio e do Adige, que supomos estar nas mãos dos italianos, ficariam longe do campo decisivo da batalha. A ocupação do acampamento entrincheirado de Verona com forças adequadas suficientes para uma ofensiva seria apenas uma dispersão inútil das tropas inimigas. Ou é esperado que os italianos reunidos no amado platô de Rivoli neguem o vale do Adige aos alemães? Desde que a estrada Stelvio (sobre o passo Stelvio) foi construída, a saída do vale do Adige perdeu muito de sua importância. Mas supondo que Rivoli deva mais uma vez ser a chave para a Itália e que os alemães sejam atraídos com força suficiente pelo poder de atração do exército italiano estacionado ali para fazer o ataque - que propósito Verona teria nesse caso? Não bloqueia o vale do Adige, caso contrário a marcha dos italianos para Rivoli seria inútil. Peschiera é suficiente para cobrir uma retirada em caso de derrota; fornece uma travessia segura sobre o Mincio e, portanto, garante um avanço adicional a Mântua ou Cremona. Reunindo toda a força de ataque italiana entre as quatro fortalezas, talvez para esperar os franceses chegarem lá, e recusando-se a provocar a luta, dividiria as forças que nos são opostas no início da campanha e nos permitiria, primeiro, movimentar forças concentradas contra os franceses ao longo de sua união e depois derrotá-los para empreender o processo um tanto tedioso de desalojar os italianos de suas fortificações. Um país como a Itália, cujo exército nacional é confrontado com qualquer ataque bem-sucedido do norte e leste com o dilema de escolher entre o Piemonte e a península como sua base de operações, obviamente deve ter suas principais instalações defensivas na região onde seu exército pode encontrar esse dilema. Aqui as confluências do Ticino e do Adda com o Pó constituem pontos de apoio. General von Willisen (cujo exército nacional é confrontado em qualquer ataque bem-sucedido do norte e do leste com o dilema de escolher entre o Piemonte e a península como sua base de operações, deve obviamente ter suas principais instalações defensivas na região onde seu exército pode

⁹ A *Confederação do Reno* (Rheinbund) - uma associação de dezesseis estados no sul e no oeste da Alemanha, estabelecida em julho de 1806 sob o protetorado de Napoleão I, depois que este derrotou a Áustria em 1805. Mais tarde outros vinte estados no oeste, no centro e no norte da Alemanha ingressaram na Confederação. Em 1813, após a derrota do exército de Napoleão na Alemanha, a Confederação desmoronou.

¹⁰ Nos termos do Tratado de Pressburg (Bratislava), celebrado em 26 de dezembro de 1805 entre a França e a Áustria, este último reconheceu a apreensão da França de parte do território italiano (Piemonte, Gênova, Parma, Placência, etc.) e cedeu ao Reino da Itália (isto é, para Napoleão I, que se tornou rei da Itália), a costa do Adriático - a região veneziana, Ístria e Dalmácia - mantendo apenas Triest. Napoleão I deu o Tirol ao seu aliado Baviera.

encontrar esse dilema. Aqui as confluências do Ticino e do Adda com o Pó constituem pontos de apoio. General von Willisen (*Italienischer Feldzug des Jahres 1848*) queria que ambos os pontos fossem fortalecidos pelos austríacos. Além do fato de que isso não funcionará, apenas pelo motivo de a terra necessária não lhes pertencer (em Cremona, a margem direita do Pó é parmesão e em Piacenza, eles têm apenas direitos de guarnição), os dois pontos estão longe demais encaminhar para uma grande posição defensiva em um país em que os austríacos seriam cercados por insurreições em qualquer guerra; além disso, Willisen, que nunca pode ver dois rios unindo-se sem fazer planos para um grande acampamento entrincheirado, esquece que nem o Ticino nem o Adda são linhas defensáveis e, de acordo com seus próprios pontos de vista, não cobrem a região por trás Mas o que seria uma despesa inútil para os austríacos é, sem dúvida, uma boa posição para os italianos. Para eles, o Pó é a principal linha de defesa; o triângulo Pizzighettone-Cremona-Piacenza, com Alessandria à esquerda e Mantua à direita, forneceria efetiva defesa desta linha e permitiria ao exército aguardar em segurança a chegada de aliados distantes ou se necessário avançar ofensivamente na planície decisiva entre o Sesia e o Adige.

O general von Radowitz disse na Assembleia Nacional de Frankfurt: Se a Alemanha não mantiver mais a linha Mincio, ela será colocada na mesma posição em que seria hoje após uma campanha mal sucedida. A guerra seria então travada imediatamente em solo alemão; começaria no Isonzo e no Tirol italiano e todo o sul da Alemanha até a Baviera seria flanqueado, de modo que a guerra, mesmo na Alemanha, teria que ser travada no Isar e não no Alto Reno.

O general von Radowitz parece ter avaliado o conhecimento militar de seu público com precisão suficiente. É verdade que, se a Alemanha desiste da linha Mincio, desiste tanto, em terrenos e posições, quanto uma campanha bem-sucedida pode trazer franceses e italianos. Mas isso não significa que a Alemanha seria colocada na posição em que uma campanha malsucedida a colocaria. Ou é um exército alemão forte e intacto que se reúne ao pé bávaro dos Alpes e marcha sobre os passes tiroleses para invadir a Lombardia na mesma situação que um exército arruinado e desmoralizado por uma campanha malsucedida e fugindo para o Brenner, perseguido pelo inimigo? As chances de uma ofensiva bem-sucedida de uma posição que em muitos aspectos domina o ponto de junção de franceses e italianos são iguais às chances de um exército derrotado ter que artilharia sobre os Alpes? Conquistamos a Itália com muito mais frequência antes de termos a linha Mincio do que desde que a possuímos; quem pode duvidar que possamos executar o truque novamente, se necessário?

Quanto ao ponto de que, sem a linha de Mincio, a guerra seria imediatamente transferida para a Baviera e Caríntia, isso também está incorreto. O resultado de toda a nossa exposição é que, sem a linha de Mincio, a defesa da fronteira sul da Alemanha só pode ser conduzida *ofensivamente*. Uma razão para isso é a natureza montanhosa das províncias fronteiriças da Alemanha, que não pode servir como um campo de batalha decisivo; outra é a posição favorável dos passes alpinos. O campo de batalha fica nas planícies na frente deles. É aí que temos que descer, e nenhum poder na Terra pode nos impedir de fazê-lo. É difícil conceber um prelúdio mais favorável a uma ofensiva do que o que temos à nossa disposição no caso mais desfavorável de uma aliança franco-italiana. Pode ser fortalecido melhorando as estradas alpinas e fortalecendo os entroncamentos no Tirol o suficiente, se não para segurar o inimigo inteiramente no caso de um recuo, pelo menos para obrigá-lo a destacar contingentes fortes para proteger suas comunicações. No que diz respeito às estradas através dos Alpes, todas as guerras nos Alpes provam que a maioria das estradas principais não pavimentadas e muitos caminhos de freio são praticáveis para todas as classes de armas sem dificuldade excessiva. Nessas circunstâncias, deve ser possível organizar uma ofensiva alemã na Lombardia de maneira a ter todas as perspectivas de sucesso. Ainda poderíamos ser derrotados, com certeza; e então devemos ter o caso de que Radowitz fala. Nesse caso, o que dizer da exposição de Viena e do flanco da Baviera através do Tirol?

Em primeiro lugar, é claro que nenhum batalhão inimigo ousaria atravessar o Isonzo até que o exército alemão do Tirol seja completamente e irrevogavelmente jogado de volta sobre o

Brenner. Uma vez que a Baviera é a base operacional alemã contra a Itália, a partir desse momento, uma ofensiva franco-italiana na direção de Viena não tem propósito; seria uma dispersão fútil de forças. Mesmo que Viena fosse um centro tão vital que valeria a pena dedicar o poder principal do exército inimigo para conquistá-lo, isso prova apenas que Viena deve ser fortificada. A campanha de Napoleão em 1797 e as invasões da Itália e da Alemanha em 1805 e 1809 poderiam ter sido muito ruins para os franceses se Viena tivesse sido fortificada. Uma ofensiva levada adiante a tais distâncias sempre corre o risco de ver suas últimas forças esmagadas diante de uma capital fortificada.

Mas e quanto ao flanco de toda a Alemanha do Sul através da Itália? De fato, se a Lombardia flanqueia a Alemanha até Munique, até que ponto a Alemanha flanqueia a Itália? Pelo menos até Milão e Pavia. Até agora, então, as chances são iguais. Mas, devido à largura muito maior da Alemanha, um exército no Alto Reno, que é “flanqueado” da Itália em direção a Munique, não precisa, por esse motivo, se retirar imediatamente. Um acampamento entrincheirado na Alta Baviera ou uma Munique temporariamente fortificada poderia receber o exército derrotado do Tirol e logo interromper a ofensiva do inimigo perseguidor, enquanto o exército do Alto Reno teria a opção de se basear em Ulm e Ingolstadt ou no Main, isto é, na pior das hipóteses, teria que mudar sua base de operações. Na Itália, por outro lado, é totalmente diferente. Se um exército italiano é flanqueado pelas passagens tirolesas no oeste, ele só precisa ser expulso de suas fortalezas e toda a Itália é conquistada. Em uma guerra contra a França e a Itália, a Alemanha sempre tem vários exércitos, pelo menos três, e a vitória ou derrota dependerá do resultado agregado das três campanhas. A Itália tem espaço para apenas um exército; qualquer divisão seria um erro; e se esse exército for exterminado, a Itália será conquistada. Para um exército francês na Itália, a comunicação com a França é vital sob todas e quaisquer condições; e enquanto essa linha de comunicação não se limitar ao Col di Tenda e a Gênova, seu flanco estará exposto aos alemães no Tirol - e, ainda mais, quanto mais os franceses avançarem para a Itália. A possibilidade de uma penetração da Baviera através do Tirol pelos franceses e italianos deve, com certeza, *As guerras alemãs* são travadas novamente na Itália e a base de operações é transferida da Áustria para a Baviera. Mas, com fortificações adequadas no sentido moderno, com as fortalezas presentes por causa dos exércitos, e não os exércitos por causa das fortalezas, a ponta de lança dessa invasão pode ser quebrada com muito mais facilidade do que a invasão alemã da Itália. E, portanto, não precisamos ter pesadelos com o chamado «flanco» de toda a Alemanha do Sul. Um inimigo que flanqueia um exército alemão no Alto Reno através da Itália e do Tirol teria que avançar para o Báltico antes que pudesse colher os frutos desse flanqueamento. A marcha de Napoleão de Jena a Stettin¹¹ seria difícil de repetir na direção de Munique a Danzig.

Não temos intenção de negar que a Alemanha tenha uma posição defensiva muito forte se desistir da linha do Adige e do Mincio. Mas negamos completamente que essa posição seja *necessária* para a segurança da fronteira sul da Alemanha. Se prosseguirmos com a suposição, como parecem os defensores da visão oposta, de que um exército alemão sempre será derrotado, onde quer que apareça, é possível imaginar que o Adige, o Mincio e o Pó são absolutamente necessários para nós. Mas, nesse caso, nada seria realmente útil; nem fortalezas nem exércitos valeriam, e a melhor coisa que poderíamos fazer seria ir imediatamente para o Caudine Forks.¹² Temos uma opinião diferente do poder militar da Alemanha, e isso nos deixa bastante satisfeito em ver nossa fronteira sul protegida pelas vantagens de uma ofensiva em solo lombardo que essa fronteira proporciona.

Aqui, no entanto, considerações políticas entram em jogo que não podemos ignorar. Desde 1820¹³ o movimento nacional na Itália emergiu de toda derrota rejuvenescida e mais

¹¹ A referência é à marcha rápida e praticamente desimpedida do exército de Napoleão I na Prússia, após sua vitória sobre os prussianos em Jena e Auerstädt em 14 de outubro de 1806; em 29 de outubro, os franceses entraram em Stettin (Szczecin).

¹² Em 321 aC, durante a segunda guerra Samnita, os samnitas derrotaram as legiões de Roir no Passo Caudine, perto da antiga cidade romana de Caudine e as obrigaram a mergulhar sob os “garfos”, que era a maior vergonha para o exército derrotado, daí a expressão “afundar nos garfos caudinos”, ou seja, sofrer extrema humilhação.

¹³ Em julho de 1820, os Carbonari se revoltaram contra o regime absolutista no Reino de Nápoles e conseguiram introduzir uma constituição liberal moderada. Em março de 1821, houve um levante no Piemonte, liderado por liberais que proclamaram uma constituição e tentaram fazer uso do

poderosa. Existem poucos países cujas chamadas fronteiras naturais coincidem tão estreitamente com as fronteiras da nacionalidade e são ao mesmo tempo tão claramente marcadas. Uma vez que o movimento nacional se fortaleceu em um país com mais de vinte e cinco milhões de habitantes, ele não pode mais descansar enquanto uma das melhores e politicamente e militarmente mais importantes partes do país, com quase um quarto da população, está sob domínio estrangeiro antinacional. Desde 1820, a Áustria governa a Itália apenas pela força, suprimindo repetidas insurreições, pelo terrorismo do estado de sítio. Para manter seu domínio na Itália, a Áustria é obrigada a tratar seus oponentes políticos, ou seja, todo italiano que se considera italiano, pior que criminosos comuns. A maneira pela qual os presos políticos italianos foram tratados pela Áustria e, até certo ponto, ainda são tratados, é algo inédito nos países civilizados. Os austríacos se deliciaram ao tentar degradar os agressores políticos na Itália, açoitando-os, quer para extorquir confissões ou sob o pretexto de punição. Fluxos de indignação moral foram derramados sobre o estilete italiano, sobre assassinatos políticos, mas parece ter sido completamente esquecido que foram os açoites austríacos que o provocaram. Os meios que a Áustria deve usar para manter seu domínio na Itália são a melhor prova possível de que essa regra não pode durar; e a Alemanha, que apesar de Radowitz,

A Alta Itália é um apêndice que, sob quaisquer condições, pode ser útil à Alemanha apenas na guerra, mas a paz só pode prejudicá-la. Os exércitos necessários para controlá-lo continuam crescendo desde 1820, e desde 1848, em um período de paz mais profunda, superam 70.000 homens, que estão sempre como se estivessem no país inimigo, esperando um ataque a qualquer momento. A guerra de 1848 e 1849 e a ocupação da Itália até os dias atuais - apesar das indenizações de guerra do Piemonte, apesar das repetidas indenizações da Lombardia, empréstimos forçados e impostos especiais - obviamente custaram à Áustria muito mais do que a Itália trouxe desde 1848. E isso apesar do fato de que entre 1848 e 1854 o país foi sistematicamente tratado como uma mera possessão temporária, a ser drenado de tudo o que pode ser extraído antes de sair. Desde a guerra oriental, a Lombardia está em um status menos anormal há alguns anos; e quanto tempo isso vai durar com as complicações de hoje e com o sentimento nacional italiano pulsando com tanta força novamente?

Muito mais importante, porém: a posse da Lombardia supera todo o ódio, toda a hostilidade fanática que ela nos trouxe por toda a Itália? Supera a cumplicidade nos procedimentos pelos quais a Áustria - em nome e em nome da Alemanha, como temos certeza - mantém lá sua regra? Supera a contínua intromissão nos assuntos internos do resto da Itália, sem a qual, de acordo com a prática anterior e as garantias austríacas, a Lombardia não pode ser mantida, e o que torna ainda mais feroz o ódio dos italianos a nós alemães? Em todas as nossas discussões militares acima, sempre assumimos o pior caso possível, uma aliança entre a França e a Itália. Enquanto mantivermos a Lombardia, a Itália certamente será o aliado da França em qualquer guerra francesa contra a Alemanha. Assim que deixarmos, isso não será mais verdade.

As conversas dissimuladas sobre a incompetência política dos italianos e seu chamado para estar sob domínio alemão ou francês, e as várias especulações sobre a possibilidade ou impossibilidade de uma Itália unificada, nos parecem um pouco estranhas para os alemães. Quanto tempo faz que *nós*, a grande nação alemã, com o dobro de pessoas que os italianos, escapamos do chamado para estar sob domínio francês ou russo? E as realidades de hoje resolveram a questão da unidade ou desunião da Alemanha? Não estamos hoje, com toda a probabilidade, às vésperas de eventos que amadurecerão a questão de decidir nosso futuro em ambas as direções? Esquecemos completamente Napoleão em Erfurt ou o apelo austríaco à Rússia nas conferências de Varsóvia ou na batalha de Bronzell?¹⁴

movimento anti-austríaco no norte da Itália para unificar o país sob a égide da dinastia Savoy, então governando no Piemonte. A interferência dos poderes da Santa Aliança e a ocupação de Nápoles e Piemonte pelas tropas austríacas contribuíram para a restauração dos regimes absolutistas em ambos os estados.

¹⁴ No outono de 1808, quando Napoleão chegou a Erfurt para negociar com o czar russo Alexandre I, quase toda a Alemanha havia sido submetida à França. Os príncipes alemães reunidos em Erfurt confirmaram sua lealdade a Napoleão. Em maio e outubro de 1850, Varsóvia foi palco de conferências nas quais representantes da Rússia, Áustria e Prússia participaram. Eles foram convocados por iniciativa do czar russo, tendo em vista a

Admitiremos por enquanto que a Itália deve estar sob influência alemã ou francesa. Nesse caso, o fator decisivo é, além de simpatias particulares, a posição geográfico-militar dos dois países influenciadores. Assumiremos que as forças militares da França e da Alemanha têm igual força, embora obviamente a Alemanha possa ser muito mais forte. Mas agora acreditamos que provamos que, mesmo no caso mais favorável, isto é, se o Valais e o Passo Simplon estivessem abertos a ela francesa, sua influência militar imediata se estenderia apenas ao Piemonte e eles teriam que vencer uma batalha antes de estender essa influência para outras áreas, enquanto nossa influência se estende a toda a Lombardia e ao ponto de junção entre o Piemonte e a península e teríamos que ser derrotados primeiro para nos privar dessa influência.

Recentemente, o general Hailbronner disse no Augsburg *Allgemeine Zeitung* algo como o seguinte: A Alemanha é chamada para outras coisas além de atuar como um condutor de raios para os raios que se acumulam sobre a cabeça da dinastia Bonaparte. Os italianos poderiam dizer com igual justificativa: a Itália é chamada para outras coisas além de servir de amortecedor para a Alemanha contra golpes franceses e de ser açoitada pelos austríacos em vez de agradecer, mas se a Alemanha tiver interesse em ter esse amortecedor lá, de qualquer forma, seria muito melhor se estivesse em boas relações com a Itália, fazendo justiça ao movimento nacional e deixando os assuntos italianos para os italianos, desde que eles não interfiram nos assuntos alemães. A afirmação de Radowitz de que a França necessariamente governaria amanhã a Alta Itália amanhã se a Áustria partisse hoje era tão infundada na época quanto há três meses; como as coisas estão hoje, essa afirmação parece querer se tornar verdadeira, mas em um sentido oposto ao de Radowitz. Se os vinte e cinco milhões de italianos não podem afirmar sua independência, os dois milhões de dinamarqueses, os quatro milhões de belgas, os três milhões de holandeses podem fazê-lo ainda menos. Não obstante, não ouvimos os defensores do domínio alemão na Itália lamentar o domínio francês ou sueco nesses outros países ou exigimos que ele seja substituído pelo domínio alemão.

No que diz respeito à questão da unidade, nossa opinião é: ou a Itália pode ser unificada e, em seguida, possui uma política própria, que necessariamente não será nem alemã nem francesa e, portanto, não pode ser mais prejudicial para nós do que para a União Europeia. Francês; ou permanece dividido, e então a divisão nos garantirá aliados na Itália em qualquer guerra com a França.

De qualquer forma, isso é certo: tenhamos ou não a Lombardia, sempre teremos uma influência considerável na Itália, *desde que sejamos fortes em casa*. Se deixarmos a Itália administrar seus próprios assuntos, o ódio dos italianos por nós terminará automaticamente, e nossa influência natural sobre a Itália será muito maior em qualquer caso e, eventualmente, aumentará para a hegemonia real. Em vez de buscar nossa força na posse de solo estrangeiro e a opressão de uma nacionalidade estrangeira, cujo futuro só o preconceito pode negar, devemos fazer melhor para garantir que estamos *unidos e fortes em nossa própria casa*.

As Partes III e IV do texto “Pó e Reno” serão publicadas na próxima edição da revista *Novos Rumos*

intensificação da luta entre a Áustria e a Prússia pelo domínio na Alemanha. O czar russo atuou como árbitro na disputa entre a Áustria e a Prússia e usou sua influência para fazer a Prússia abandonar suas tentativas de formar uma confederação política de estados alemães sob sua própria égide. A *batalha de Bronzell* foi uma *disputa* sem importância entre destacamentos prussianos e austríacos em 8 de novembro de 1850, durante uma revolta em Kurhessen. A Prússia e a Áustria defendiam o direito de interferir nos assuntos internos de Kurhessen para reprimir a insurreição. Nesse conflito com a Prússia, a Áustria novamente recebeu apoio diplomático da Rússia e a Prússia teve que ceder.

Recebido em 01/08/2020

Aprovado em 30/11/2020